



Meia hora de Amizade Luso-Brasileira: visita do professor Agostinho da Silva a Macau¹

*Agostinho da Silva**

*Bruno de Alves Borges***

Apresentação: Agostinho da Silva em Macau

Passei a vida a fundar.

(Agostinho da Silva)

Corria o ano de 1963 quando George Agostinho Baptista da Silva pisou os pés na cidade chinesa de Macau, *topos* de um contato que talvez nos informe, hoje muito mais do que ontem, acerca dos conflitos e potências humanas. A cultura portuguesa veio *ocupando* aquelas terras desde séculos atrás. E que monumental inversão histórica pensar o que fora outrora Portugal e China na sensível orquestra das nações, e o que se tornaram estes hoje tão distintos personagens do mapa global. Mapa que, venhamos e convenhamos, se o mundo tem é porque o português soube muito bem desenhar. O fato é que ali, entre as crônicas dos feitos acontecidos no mundo colonial, em outro momento histórico fundamental para compreensão da Modernidade, Ocidente e Oriente se encontram. A violência do famigerado sistema capitalista nascente nos legou, não há como negar, um problema por pensar, um projeto de existência em contato e em confronto, uma demanda a ser cumprida por nós e pelos que hão de vir.

¹ Entrevista inédita de Agostinho da Silva. Pesquisa e transcrição de Bruno de Alves Borges.

* George Agostinho Baptista da Silva (1906-1994): filósofo, poeta, ensaísta, professor, filólogo, pedagogo e tradutor.

** Doutorando em Metafísica pela Universidade de Brasília (UnB). Professor na Educação Básica do Distrito Federal (SEDF). E-mail: b.alvesborges@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1472471914119889>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2333-3644>.

Figura 1 — Fita de rolo enviada ao CBEP.



Fonte: Sociedade dos Amigos da Comunidade Luso-brasileira macaense, em 1963.

Reencontrar uma *lição* dada por Agostinho da Silva em Macau nos aproxima não apenas desse tempo tão definidor, que ainda é para nós a segunda metade do século XX, mas abre algumas janelas para pensar aspectos fundantes de seu pensamento e de sua articulação enquanto intelectual *fundador* que era. Agostinho é já, nesse momento, morador da nova capital brasileira desde a fundação de sua universidade, a revolucionária Universidade de Brasília (UnB). Em poucos anos, a casa que o acolheu seria tida como *ninho subversivo do pior* pelas forças da ditadura, e veria seus estudantes e projeto ameaçados de navio-prisão na costa da Guanabara. É na

dimensão de professor *dessa específica universidade* que acreditamos ser relevante entender a conjuntura da *presença de Agostinho em Macau*. O filólogo e pensador já havia fundado várias outras instituições de ensino superior no Brasil e, em 1963, mantinha os mais plurais vínculos, projetos e pesquisas ao redor do mundo. Nesse momento, um outro centro de documentação está sendo gestado no Recôncavo Baiano². Com a UnB (e disso sabia Agostinho da Silva), a história do ensino superior latino-americano passava a outras dimensões. Ouve-se assim um professor que fala *da UnB, do lugar de professor da UnB e pela UnB*. Isso, se por um lado nos informa sobre a UnB desse tempo e da ousadia em teorias e práticas que a nova universidade esboçava efetivar, por outro, apresenta um Agostinho da Silva desbravador, mais uma vez capilar, margeando o mundo inteiro de *centros*.

A convite da Sociedade dos Amigos da Comunidade Luso-Brasileira e colocando em prática sua percepção do legado lusófono, desde já, uma comunidade de países de língua portuguesa enquanto exercício efetivo, inclusive diplomático; lembremo-nos que é a nova e *perseguida* universidade que fala pela boca do poeta de *Barca d'Alva*. Respondendo a José Garcia sobre as relações entre Brasil e Portugal, quando sintonizamos o programa “Meia Hora de Amizade Luso-Brasileira”, ouvimos:

[...] eu prefiro, em lugar de dar a minha opinião, dar aquilo que foi a opinião da Universidade de Brasília, fundada agora para dar ao Brasil exatamente o maior auxílio possível no seu desenvolvimento, preparando seus técnicos, levando o intelectual brasileiro ao máximo de suas possibilidades no desenvolvimento do país. Essa universidade achou que devia fundar um Centro Brasileiro de Estudos Portugueses para marcar perfeitamente que a cultura brasileira considera como sua matriz essencial a cultura portuguesa.

Hoje sabemos, impossível negar, que uma coisa é entender a matriz portuguesa como base fundante de um tripé que nos constitui, como

² Manuscritos sobre o tema estão presentes ainda hoje, na seção de obras raras da UnB.

expressamente discutido em *O Povo Brasileiro*, obra do então reitor da Universidade de Brasília, o antropólogo Darcy Ribeiro; outra é dar suporte *na gestão político-pedagógica e universitária* às vicissitudes desses *centros* mundo afora. Em suma, hoje sabemos que, bem antes da ditadura brasileira assumir as universidades após 1964, a *questão portuguesa* já produzia nós de um importante projeto em disputa. Como exemplo, basta que se registre a conhecida anedota que circula no *campus* (que viria a ter o nome de Darcy Ribeiro), em que o antropólogo-reitor teria perguntado a Agostinho da Silva a razão de se criar em Brasília um Centro Brasileiro de Estudos Portugueses (CBEP) e, com isso, colocar Portugal em um lugar distinto das outras nações. “Para explicar aos brasileiros o porquê de você se chamar Ribeiro”, foi a resposta de Agostinho.

Entender, então, o contexto da UnB e sua voz no mundo é, acreditamos, uma primeira chave-mestra para esse momento final que teve Agostinho da Silva no Brasil. Na UnB, negociando a existência, a construção e o *fim dos centros*, Agostinho fechou seu ciclo latino-americano e voltou para a Europa ao final dos anos 1960. A UnB sela a presença de Agostinho no Brasil. Com a UnB, depois da UnB e de sua restauração autocrática, Agostinho da Silva desistiu da universidade brasileira com a consciência tranquila que tem o *marinheiro vagabundo* que era. E se foi embora, por vários motivos, como podemos esperar de sua complexa personalidade, o foi sobretudo pelo *clima irrespirável* que o Ato Institucional n. 5 passou a oferecer. O *fim dos centros* foi o golpe final na esperança e na tarefa, que nós consideramos cumprida, de Agostinho da Silva no Brasil.

Disso testemunham diversos documentos e fontes igualmente relevantes para compreensão daquilo que se ouve nas ondas de rádio chinesas. O *centro* criado por Agostinho da Silva na nascente (daquela) universidade tinha um protagonismo distinto para ele e para o ensino superior brasileiro. Mas há mais: soma-se a isso que o mesmo tom fundacional que estabelece diretrizes para grandes áreas de ensino se encontra em outra voz trazida à tona pelos baús esquecidos da cidade de Brasília. Poucos meses antes, e apenas um mês depois de fundada a UnB, o também filólogo Eudoro Guerreiro de Sousa

dirá sobre o Centro de Estudos Clássicos (CEC), que era parte integrante da *alma mater* daquela universidade³:

No mundo do Ocidente em que vivemos – pelo menos geograficamente do Ocidente, já que um exame simultaneamente mais detido e de mais ampla síntese, encontraríamos numerosos elementos comuns com o Oriente [...].

A Universidade de Brasília não poderia, precisamente porque está atenta ao futuro e exatamente porque preza em alto grau as ciências e as técnicas, eximir-se do estudo da Antiguidade chamada “clássica”. Não deveria, porém, cometer o erro demasiado frequente de restringir o estudo da Grécia e de Roma a aspectos meramente gramaticais das línguas grega e latina [...] (Sousa, 2013, p. 200-201).⁴

Considerando a complexidade dessa grande área temática dos Estudos Clássicos, exemplo do qual estamos nos servindo como espelho dessa outra macro-área de estudos que é conteúdo do encontro colonial de Portugal pelo mundo, Eudoro retorna ao exemplo presente nas ondas radiofônicas chinesas para dizer que estamos diante de um complexo que é

[...] complexo em si mesmo e complexo de relações e inter-relações com todo o mundo cultural de Oriente e Ocidente, não só na Antiguidade, como por intermédio da herança grego-latina, até ao mais vivo de nosso mundo contemporâneo (Sousa, 2013, p. 201).

O movimento é o mesmo. Eudoro de Sousa e Agostinho da Silva são aqui, não apenas *professores convidados por Darcy*, selo de qualidade com o qual se resumiu um sem número de contribuições que, ao fim e ao cabo, tornaram-se invisíveis diante daquele pai criador. Seja para instituir os

³ Vale lembrar que, segundo o também helenista e antropólogo baiano Ordep Serra, Agostinho da Silva foi o primeiro diretor do Centro de Estudos Clássicos.

⁴ Trata-se de citação do documento de fundação do Centro de Estudos Clássicos, provavelmente rascunhado a quatro mãos, que essa obra traz como anexo.

estudos clássicos e Antiguidade no aparato intelectual da Universidade de Brasília, seja para discutir a presença portuguesa pelo mundo e seu significado, Eudoro e Agostinho são peças essenciais para a estrutura da nova universidade. Os *centros* criados e gestados por Agostinho da Silva e Eudoro de Sousa foram tão relevantes na renovação do ensino superior brasileiro que, na UnB, tornaram-se seu símbolo e, precisamente por isso, também se tornaram um alvo urgente a ser atacado pela ditadura brasileira, que perseguirá a maior parte de seus integrantes, promovendo uma das mais expressivas diásporas da história universitária brasileira, deixando aos farrapos a criação e a genialidade luso-brasileira que teve, no cerrado brasileiro, uma de suas mais belas flores.

A fita de rolo da antiga BASF *Magnetophonband* typ LGS 35, enviada ao CBEP em 1963, foi retirada na Caixa Postal 1.180, um ponto dos Correios (provavelmente o único) que se localizava na Rodoviária de Brasília, o máximo centro da cidade. Quanta margem advinda do mundo inteiro não entrou por essa Caixa Postal para terminar nas estantes, acervos, nos braços dos estudantes da Universidade de Brasília. Com olhos e ouvidos estamos diante de um dos raríssimos exemplos do escrutínio memoricida operado na UnB no ano de 2007⁵, resultado de um desmonte que começou muitas décadas antes.

Se hoje se sabe que o bibliocídio de 2007 representou um dos mais trágicos capítulos da história do livro e das bibliotecas no Brasil, é inevitável relativizar esse trauma não deixando de perceber que, mesmo imersos em dolo, quem operou o tiro de misericórdia que sepultou os acervos dos *centros* criados por Eudoro de Sousa e Agostinho da Silva ecoava (no próprio

⁵ Para compreensão da história e dos efeitos de um bibliocídio no que toca ao legado de Agostinho da Silva e Eudoro de Sousa, cf. BORGES, Bruno. *Eudoro de Sousa e sua biblioteca: dispersão e fragmentos de um pensamento*. 2015. 273 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Programa de Pós-graduação em Literatura do Instituto de Letras de Universidade de Brasília, Brasília, 2015; e BORGES, Bruno. *Deus me livros! A bibliofilia na história da UnB*. Brasília: Editora UnB, 2021.

inconsciente institucional) a sanha persecutória autocrática que assumiu o centro de tudo após 1964, sobretudo depois de 13 de dezembro de 1965⁶.

Amigo desses nobres mestres que foram Eudoro e Agostinho, o poeta José Santiago Naud, também professor daquela universidade e testemunha ocular da crise que o ensino básico e superior viveram naquele tempo, costumava dizer que era preciso *sempre que possível entender Agostinho da Silva junto com Eudoro de Sousa e vice-versa*. Cada vez mais, a pesquisa e a análise dos documentos que sobreviveram aos porões dos anos de chumbo dão razão ao professor Santiago. Que esta breve lição dada no mais excelso êxtase de criação possa nos aproximar de um importante legado enraizado nas universidades brasileiras, universidades que são tão erguidas sob os ombros desses dois homens, centros-mestre de várias gerações, quanto ingratas acerca de sua contribuição e significado.

Quando ouvimos Agostinho da Silva dizer, fazendo o máximo esforço para ressignificar e conciliar “dois mundos”, que

Já houve um ponto do mundo em que homens de cultura ocidental entraram em contato com homens de cultura oriental, souberam compreender mutuamente os seus valores e souberam realizar aquilo que ainda hoje aparece em tantos campos como uma grande proeza, ou às vezes apenas como uma grande esperança, eles souberam conviver intimamente, souberam dar-se como seres humanos, souberam lentamente, pacientemente, ir construindo uma cultura comum.

Quando olhamos para Macau hoje, pelos olhos de Agostinho da Silva, no exemplo maior de diálogo possível em mundo assolado por guerras que nada tinham de frias em 1963, quando ouvimos essas palavras hoje e, de novo, às portas de outra conflagração; curiosamente somos forçados a perceber que nosso destino aqui no Brasil, no interior do Goiás ou do Maranhão, na Venezuela, na Groelândia, pode estar intimamente ligado ao

⁶ Data de publicação do Ato Institucional n. 5.

que acontece do outro lado do mundo e, por mais estranho que isso possa parecer, em uma esquecida cidade chinesa.

Referências

BORGES, Bruno. *Deus me livros!* A bibliofilia na história da UnB. Brasília: Editora UnB, 2021.

BORGES, Bruno. *Eudoro de Sousa e sua biblioteca*: dispersão e fragmentos de um pensamento. 2015. 273 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Programa de Pós-graduação em Literatura do Instituto de Letras de Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SOUSA, Eudoro de. *Filosofia Grega*. Brasília: Editora UnB, 2013.

Meia-hora de Amizade Luso-Brasileira: visita do Professor Agostinho da Silva a Macau

Faixa 1

Fausto Branco (FB): A Sociedade dos Amigos da Comunidade Luso-Brasileira apresenta...

Áurea Salvado (AS): Meia-hora de Amizade Luso-Brasileira.

FB: Um programa de variedades portuguesas e brasileiras, transmitido quinzenalmente através dos emissores da Rádio Vilaverde⁷.

AS: Este programa foi coordenado pelo Doutor José Garcia, com gravação e montagem de Johnny Álvares.

Faixa 2

FB: A Sociedade dos Amigos da Comunidade Luso-Brasileira apresenta...

AS: Meia-hora de Amizade Luso-Brasileira.

FB: Um programa de variedades portuguesas e brasileiras, transmitido quinzenalmente através dos emissores da Rádio Vilaverde.

AS: Este programa foi coordenado pelo Doutor José Garcia, com gradação e montagem de Johnny Álvares.

FB: Locução de Áurea Salvado...

AS: ...e Fausto Branco.

⁷ Criada por Pedro José Lobo, importante empresário de Macau condecorado com a Ordem do Império Colonial e a Ordem do Infante D. Henrique, a Rádio Vilaverde ainda emite suas ondas, exclusivamente de forma virtual, abrangendo Macau e cidades próximas, com sede no Macau Jockey Club, frequência 99,5 FM.

Faixa 3

FB: Visita a Macau do professor Agostinho da Silva. Aproveitando a visita do professor universitário do Brasil, senhor doutor Agostinho da Silva, a Macau, a Sociedade dos Amigos da Comunidade Luso-Brasileira tem a honra de registrar no seu programa “Meia hora de Amizade Luso-Brasileira”, a entrevista que o ilustre acadêmico concedeu ao presidente da direção desta Sociedade, Dr. José Garcia, a qual gostosamente transmitiremos.

O Professor Doutor Agostinho da Silva formou-se em Filologia Clássica pela Faculdade de Letras do Porto, tendo se graduado [especializado] também nas faculdades de Sorbonne e de Madri. Foi professor nas universidades federais do Rio de Janeiro, Paraíba e Santa Catarina. Diretor de Cultura do Estado de Santa Catarina; diretor do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade da Bahia; diretor do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses da Universidade de Brasília; fundador do Centro de Estudos Filológicos de Lisboa, no Instituto de Alta Cultura, e de Santa Catarina; do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Goiás; do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Assessor da Divisão de Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura; *fellow* da UNESCO para o estudo da organização das universidades japonesas.

O Professor Agostinho da Silva é autor de mais de duzentas publicações, entre as quais podem mencionar os Cadernos de Informação Cultural, uma série de biografias, os estudos de filologia, filosofia e história, colaborador de revistas e jornais portugueses, brasileiros e franceses. Dos seus últimos livros publicados temos: *Um Fernando Pessoa*, *Aproximações* e *Reflexões à margem da literatura portuguesa*, com edições em Portugal e no Brasil. Vamos pois, seguidamente, dar início à referida entrevista. Encontram-se já aqui presentes os senhores professores Dr. Agostinho da Silva e Dr. José Garcia.

Faixa 4

José Garcia (JG): Senhor professor, em primeiro lugar agradeço-lhe muito penhoradamente, em nome da Sociedade dos Amigos da Comunidade Luso-Brasileira, ter vossa excelência gentilmente acedido ao nosso desejo de proporcionar, aos rádio-ouvintes do programa “Meia-hora de Amizade Luso-Brasileira”, o ensejo de ouvirem falar sobre a cultura luso-brasileira. Tendo vossa excelência profundo conhecimento das culturas portuguesa e brasileira, qual a relação que o senhor professor acha existir entre elas?

Professor Agostinho da Silva (PAS): Antes de responder à pergunta de vossa excelência, eu desejaria da minha parte agradecer também muito penhorado o convite que vossa excelência me fez em nome da sociedade a que preside. É uma grande ocasião para mim a de poder pronunciar algumas palavras respondendo à sua pergunta, a convite da sua sociedade e num lugar como Macau.

Quando falamos em relações entre a cultura portuguesa e a cultura brasileira, podemos pensar, creio eu, em três espécies de relações: a relação quanto ao passado, a relação quanto ao presente, a relação quanto ao futuro. Na relação quanto ao passado, eu prefiro, em lugar de dar a minha opinião, dar aquilo que foi a opinião da Universidade de Brasília, fundada agora para dar ao Brasil exatamente o maior auxílio possível no seu desenvolvimento, preparando seus técnicos, levando o intelectual brasileiro ao máximo de suas possibilidades no desenvolvimento do país.

Essa Universidade achou que devia fundar um Centro Brasileiro de Estudos Portugueses para marcar perfeitamente que a cultura brasileira considera como sua matriz essencial a cultural portuguesa. De que o Brasil não quer no seu desenvolvimento afastar-se, de modo algum, daquilo que plasmou a sua natureza, daquilo que considera o cerne da sua cultura. A Universidade de Brasília pensa que não é possível dedicar-se ao desenvolvimento do Brasil sem que acentue, primeiramente, as suas relações de passado com a cultura portuguesa. Classificando-a, como disse, de matriz da cultura brasileira, encontrando no solo da cultura portuguesa o alimento de toda pujança da cultura brasileira futura, como se encontrou a do passado.

Quanto a relações de presente, é evidente que há da parte do Brasil um desejo de alargamento dessas bases de cultura portuguesa para além do que possivelmente Portugal pode fazer. Houve circunstâncias históricas no desenvolvimento de Portugal, houve, sobretudo, uma pressão da Europa sobre Portugal, que impediu o país de dar pleno desenvolvimento àquilo que era o germe de sua cultura. O que foi a história de Portugal foi apenas uma parte do que poderia ter sido. Houve circunstâncias do mundo que impediram por completo que o país se desenvolvesse plenamente e que essas sementes culturais dessem de si todo fruto que poderiam dar.

De modo que hoje o Brasil, que não tem as limitações que teve Portugal, que se pode desenvolver numa época muito diferente daquela em que Portugal teve o máximo da sua atuação, é evidente que o Brasil tem que trazer a si mesmo, para juntar com essas matrizes da cultura portuguesa, muitas outras culturas, muitas outras contribuições, que façam do Brasil um país de cultura verdadeiramente universal. Mas temos que nos lembrarmos de que quando o Brasil atingir este nível, quando o Brasil for perfeitamente aquilo a que poderíamos chamar um país ecumênico, um país com uma cultura válida para todo o mundo, ele está apenas se desenvolvendo dentro das linhas que foram marcadas pela cultura que herdou, pela cultura portuguesa. Nós hoje temos o maior interesse no Brasil, em que todas as culturas do mundo nos tragam as suas contribuições, e a minha viagem ao Oriente deveu-se essencialmente a esse desejo do Brasil em entrar, por exemplo, em comunicação com a cultura japonesa.

Nós queremos ser um país não apenas do Ocidente, mas também um país de Oriente e, portanto, de todo o mundo. Então queremos que neste momento, juntando a tudo o quanto recebemos do mundo ocidental, a tudo o quanto o Brasil recebeu sobretudo de Portugal, se venha a juntar aquilo que o Oriente lhe pode dar. Então o que o Brasil está fazendo no momento presente é uma tentativa de abraçar dentro de si, de trazer para si, para a sua cultura, todas as outras culturas do mundo que realmente tenham alguma espécie de valor para o futuro, porque provavelmente há culturas que cumpriram a sua missão histórica, e cuja única possibilidade é de desaparecerem, ficando apenas arquivadas na história.

Quanto às relações de futuro, é evidente que me parece que o Brasil poderá dar toda a plenitude de expressão àquilo que Portugal apenas esboçou, mas que quando chegar essa altura, quando chegar a época de história em que o espírito que nasceu em Portugal e que em Portugal se desenvolveu puder dar todo o seu fruto, realmente o que estará oferecendo ao mundo, através do Brasil, o que estará oferecendo ao mundo através de todo esse alargamento de culturas é essencialmente aquilo que Portugal pensou, aquilo que Portugal sonhou, aquilo que Portugal sentiu, mas que a história, como disse, lhe impediu por várias circunstâncias de realizar.

JG: Qual o interesse que vossa excelência julga que poderá ter Macau no conjunto da cultura luso-brasileira, senhor professor?

PAS: Uma das grandes preocupações do mundo atual é de acabar com a divisão, com a separação, com a ignorância mútua que tem havido entre a cultura ocidental e a cultura oriental. Quando se fala deste Oriente e deste Ocidente não se está, como é claro, pondo a questão nos termos, digamos, políticos, em que ela se costuma por. Quando se fala do Ocidente está se falando duma cultura ocidental, quando se fala de um Oriente está se falando daquela cultura que teve seus pontos mais brilhantes numa Índia, ou numa China ou num Japão.

Hoje a preocupação essencial do mundo da cultura é esta, a de que estas duas metades do mundo que viveram separadas culturalmente durante tanto tempo, tendo cada uma os seus valores e considerando cada uma muitas vezes que seus próprios valores eram superiores aos valores da outra cultura – a preocupação essencial é de que esta separação não pode continuar, de que as duas culturas têm que entrar intimamente em contato para que fundindo-se, para que aproveitando cada uma da outra aquilo que nela houver de melhor, possam as duas em conjunto construir uma cultura que seja a de uma humanidade não já dividida pelo mundo, mas unida naquele só rebanho de um só pastor de que falou uma palavra antiga.

Ora, se esta é a preocupação essencial para o futuro, se esta convivência de duas culturas, se esta sua interpenetração, se este entendimento por cada uma daquilo que faz o real valor da outra é uma

preocupação do momento, e uma preocupação dos homens que mais se interessam pelo futuro da cultura humana, nós temos que reconhecer que já houve um ponto da Terra em que isto se realizou, que já houve um ponto do mundo em que homens de cultura ocidental entraram em contato com homens de cultura oriental, souberam compreender mutuamente os seus valores e souberam realizar aquilo que ainda hoje aparece em tantos campos como uma grande proeza, ou às vezes apenas como uma grande esperança, eles souberam conviver intimamente, souberam dar-se como seres humanos, souberam lentamente, pacientemente, ir construindo uma cultura comum. Esse ponto, de todos os pontos do mundo é exatamente Macau.

Macau que esteve obscurecido durante tanto tempo por uma série de lendas inteiramente absurdas. Macau que pela sua pequenez, perdido neste imenso Oriente, por vezes foi tão ignorado, tem que começar a ser apresentado ao mundo como único ponto do mundo em que este é verdadeiramente humano. Como único ponto do mundo em que não só convivem essas duas culturas tão diferentes na aparência e tão diferentes em muitos dos seus valores, como também são capazes de conviver, dentro de cada uma dessas culturas, correntes de pensamento que noutros pontos se afrontam de uma maneira perfeitamente antagônica, às vezes completamente hostil. Macau tem acima de tudo o grande valor de demonstrar essa possibilidade de convivência humana, de demonstrar que a cultura oriental e ocidental podem, convivendo, construir uma cultura mais compreensiva, mais vasta, mais larga do que cada uma delas em si mesma.

De modo que se o ideal da cultura portuguesa – ou como eu lhe chamaria agora, já que expliquei meu pensamento em resposta à pergunta anterior, a cultura luso-brasileira –, se o ideal dessa cultura é uma fraternidade humana estendida, alargada, envolvente de todo o mundo; se esta fraternidade se não poderá jamais conseguir sem que cultura oriental e cultura ocidental entrem em íntima comunhão, há um ponto do mundo que é já como um fermento dessa massa. E esse ponto do mundo se chama Macau. Não temos mais nada que fazer senão alargar a todo o conjunto da cultura luso-brasileira aquilo que em Macau se fez, aquilo que em Macau se está vivendo, aquilo que em Macau está sendo.

De modo que Macau tem que chamar a atenção de todos os homens da área de língua portuguesa interessados no problema, tem que chamar atenção sobre si próprio. Macau tem que tomar a responsabilidade da sua vocação de ponto central de entendimento entre as duas culturas, a do Oriente e a do Ocidente. Creio que isto se fará, e que, fazendo-o, Macau pode ainda realizar outro grande milagre da história. Não nos devemos esquecer de que Macau foi o primeiro centro universitário do Oriente. E que Macau tem possivelmente que desempenhar de novo essa missão; que esta comunhão das duas culturas, este contato do Oriente e Ocidente, realizando-se em Macau, poderá levar Macau de novo a essa categoria de grande cidade universitária, fazer de Macau uma cidade essencialmente cultural. Creio que é para este ponto que se devem dirigir todos os esforços, tanto do lado do Brasil, como do lado de Portugal. Tornar Macau a cidade cultural tipo em que as duas culturas possam entender, possam conviver como até agora têm convivido, daí podendo alargar-se como um exemplo, primeiro a todo mundo de língua portuguesa e, em seguida, a todo mundo que tanto interesse tem na comunhão de Oriente e de Ocidente.

JG: E agora, uma última pergunta senhor professor. Julga vossa excelência de real interesse, para a comunidade luso-brasileira, a existência da Sociedade dos Amigos da Comunidade Luso-Brasileira?

PAS: Creio que para a realização desse ideal cultural é inteiramente necessário que exista uma comunidade luso-brasileira em que num corpo jurídico se juntem todos os territórios em que a língua portuguesa é uma realidade, em que se infiltrou cultura portuguesa, em todos os territórios que atravessaram durante séculos essa aventura magnífica que foi a aventura de Portugal. É evidente que poderá haver dificuldades de vários caráter, dificuldades econômicas, dificuldades sociais, dificuldades políticas na formação dessa comunidade, ou dessa confederação como eu lhe procuro chamar, ou como lhe prefiro chamar, embora reconheça que o termo “comunidade” põe a questão para além dos simples aspectos políticos ou econômicos que o termo “confederação” inclui em si mesmo.

Se, para a realização desse ideal cultural, é necessário que haja um esforço conjunto numa comunidade de todos esses territórios, é evidente que uma Sociedade que se dedica a pregar esse ideal, que se dedica a tentar realizá-lo na medida do possível, a incutir nos espíritos a ideia de que tal ideal é desejável e de que é possível realizá-lo, é evidente que uma Sociedade dessas está realizando uma grande tarefa, está realizando uma das grandes tarefas da história. Devemos, porém, reconhecer que as dificuldades são grandes, tão grandes que muitas vezes parece um sonho que se chegue algum dia a realizar essa confederação. Então, à Sociedade dos Amigos da Comunidade Luso-Brasileira poder-se-ia também dar o nome de “Sociedade dos Amigos de um Sonho”. E embora esta palavra “sonho” esteja muito desacreditada por muita gente, eu creio que seria o mais belo título de que a Sociedade se poderia orgulhar. Não daquele sonho que apenas sonha para encher o tempo e cuja realização depois se esquece, mas daquele sonho que verdadeiramente vale, aquele que se estuda, aquele que se constrói em todos os pormenores e que depois se procura realizar ponto a ponto, de tal modo que a nossa vida seja ao mesmo tempo sonho e a realização deste sonho.

A Sociedade dos Amigos da Comunidade Luso-Brasileira tem diante de si uma tarefa enorme, não só para que se chegue até o ponto de que essa Comunidade se realize, mas para que se vá além disso, para que se chegue também ao ponto de que essa Comunidade, depois de se realizar, realmente atue, realmente seja uma força eficiente no congregar-se de todos os elementos de cultura dos territórios que a constituirão e no atuar desses elementos perante o mundo. E depois disso ainda, é preciso que essa Sociedade não termine a sua tarefa, que essa Sociedade apure cada vez mais o sentido da Comunidade Luso-Brasileira; nós não temos de maneira nenhuma por ideal formar uma comunidade ou uma confederação que seja mais um dos blocos que se disputa no mundo, nós não queremos ter nenhuma espécie de incentivo puramente material para que essa confederação se realize.

Se nós tivéssemos apenas como ideal que a confederação ou comunidade fosse um bloco político, fosse uma superpotência, fosse um dos grandes agentes neste mundo material em que tantos problemas se levantam, talvez não valesse a pena passar o assunto. Mas se não trata disso, trata-se de

uma comunidade, trata-se de uma confederação que vá para além disso e que se apure cada vez mais o sentido espiritual. A missão portuguesa que ficou interrompida pela história e aquela missão brasileira que o Brasil está começando a desempenhar não são, no fundo, missões de caráter material, não são missões de poder político, como não são missões de poder econômico, são missões de desenvolvimento espiritual. E é preciso que não nos esqueçamos disso: que a Comunidade Luso-Brasileira só pode nascer se tiver cada um de nós a convicção de que o seu serviço essencial será nos domínios do espírito, alargando cada vez mais as possibilidades da mentalidade humana e da alma humana, alargando cada vez mais a nossa intimidade com o misterioso universo do Espírito, alargando cada vez mais as nossas possibilidades de pensamento para além da vida material, nunca desprezando essa vida material como nunca a cultura portuguesa a desprezou. Sabendo perfeitamente que sem esse sustentáculo, sem essa base, todo o resto se pode perder de um momento para o outro. Mas sabendo também que ela é só uma base, que é só um sustentáculo para a verdadeira tarefa que há a realizar.

Até que um dia a Comunidade Luso-Brasileira seja não uma comunidade de territórios, mas uma comunidade de espíritos. E não só de espíritos dos homens que nasceram em territórios dessa comunidade, mas alguma coisa que se tenha propagado aos outros e que acabe por juntar todos os homens do mundo na mesma comunidade de fraternidade, na mesma comunidade de paz, na mesma comunidade de trabalho em comum, na mesma comunidade de vida, mas de vida plenamente consciente, de vida em que o homem tenha desenvolvido todas as suas possibilidades e não seja como hoje sucede com a maior parte de homens, apenas um esboço de homem, apenas uma amostra daquilo que estava nas suas possibilidades, mas não está de modo algum nas suas realizações.

De maneira que no dia em que se formar a Comunidade Luso-Brasileira, poderemos dizer que então começou a verdadeira função da sociedade, que é nesse momento que ela tem de empregar o máximo da sua força, que ela tem de dar o máximo de seu entusiasmo, que todos os seus membros têm que contribuir o mais possível para que a obra que está na nossa frente se possa realizar. Creio que de todas as sociedades que existem hoje em

territórios de língua portuguesa, é porventura esta de que vossa excelência é presidente aquela que tem maior significação, aquela que tem maiores responsabilidades. Muito esperamos dela, muito nos tem ela a que dar.

JG: Senhor Professor Agostinho da Silva, as nossas felicitações e agradecimentos por essa magnífica lição que nos acaba de dar.

FAIXA 5

AS: Magistral conferência no Liceu Infante D. Henrique.

FB: Por iniciativa e a convite da filial de Macau da Sociedade dos Amigos da Comunidade Luso-Brasileira, o ilustre Professor Agostinho da Silva proferiu no passado dia 5, pelas 21h, no ginásio do Liceu Infante D. Henrique, uma magistral conferência subordinada ao título *Macau e o Brasil*.

AS: Presidiu a ação sua excelência o governador da província Tenente Coronel Antônio Lopes dos Santos, que na mesa de honra se via ladeado, à direita, pelo senhor doutor Hélio da Conceição Ramalho, reitor daquele estabelecimento de ensino e, à esquerda, pelo senhor doutor José Luís Freire Garcia, presidente da direção do organismo promotor. Ao lado, com a frente voltada para a assistência, tomou lugar o senhor Professor Doutor Agostinho da Silva.

FB: Na primeira fila de cadeiras, notavam-se o Deputado por Macau à Assembleia Nacional, senhor doutor Alberto Pacheco Jorge e esposa, sua excelência o reverendíssimo, o Bispo da Diocese, Dom Paulo José Tavares, o Meritíssimo Juiz de Direito da Comarca, o senhor doutor Domingos Barroso Afonso e esposa, o comandante militar, o senhor Coronel Eduardo Luís de Souza Gentil Bessa, o presidente da Comissão Provincial da União Nacional, o senhor doutor Adolfo Adroaldo Jorge⁸ e esposa, vendo-se entre

⁸ Representante dos interesses salazaristas em Macau, o advogado Adroaldo Jorge foi vice-presidente da Comissão Provincial da União Nacional de Macau, atuando também como membro do Conselho de Macau e vice-presidente do Conselho Legislativo. Foi um dos fundadores do Rotary Club de Macau em 1947.

o restante da assistência outras entidades oficiais, chefes de serviços, professores e muitas outras individualidades de diferentes categorias sociais.

AS: Fez a apresentação do ilustre conferencista o reitor do liceu, o senhor doutor Hélio da Conceição Ramalho, que traçou os aspectos mais salientes da sua biografia, salientou a sua alta envergadura intelectual e referiu-se ao aliciante tema da conferência com que ia deliciar o seletor auditório. Levantou-se seguidamente do seu lugar e avançou mais para a assistência o Professor Doutor Agostinho da Silva que, sem se servir de microfone, sem papel e num tom de atraente conversa, deu início à sua magistral conferência, falando de improviso.

FB: Apontando a circunstância de ter encontrado na sala de professores, pela primeira vez, o retrato de Fernando Pessoa, o conferencista começou por uma autêntica lição sobre o poeta dos heterônimos, realçando o significado da sua *Mensagem*, enquadrando-o na cultura e psicologia portuguesas e pondo-o como base da formação da Comunidade Luso-Brasileira, ideal tão ardentemente acalentado por todos os brasileiros e portugueses, irmãos na língua, na cultura e no sangue.

AS: Prosseguindo, deu largas à sua vasta cultura através dos mais diversos setores, abordando, em linguagem acessível e essencialmente comunicativa, problemas transcendentais, metafísicos, sociológicos, históricos e humanísticos relacionados com o tema base, formação da Comunidade Luso-Brasileira.

FB: Referindo-se a Macau, o orador acentuou que o que mais aprendeu nesta terra foi o fenómeno de duas comunidades étnica, social e culturalmente tão diferentes entre si, viverem aqui em uma fusão harmônica, o que pode servir de exemplo único ao mundo conturbado de hoje. Neste mundo heterogêneo que é Macau, frisou o conferencista em dada altura, duas civilizações díspares fundem-se numa simbiose que se não pode deixar de traduzir em benefícios de toda ordem, porque ambas se completam e mutuamente emprestam aqueles elementos de que mais carecem.

AS: Particularizou depois o orador os artigos fundamentais da Comunidade Luso-Brasileira e o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses e as aspirações

humanas da Universidade de Brasília na formação de técnicos e de homens para a sociedade do futuro.

FB: No final, fechou a sessão sua excelência o Governador, que em breves palavras agradeceu ao ilustre conferencista a magnífica lição que acabava de proferir com deleite espiritual de toda a assistência e disse que, dentro das suas possibilidades, tudo faria para que a Sociedade Luso-Brasileira aqui estabelecida possa cumprir a alta missão cultural que lhe é atribuída.

AS: O Professor Agostinho da Silva, depois da interessante conferência, foi ovacionado com vibrante e prolongada salva de palmas que parecia incessante. No final da [inaudível] sessão, foi muito cumprimentado e calorosamente felicitado.

FAIXA 6

FB: Almoço de homenagem!

AS: No dia 6 do corrente, os corpos gerentes da filial de Macau da Sociedade dos Amigos da Comunidade Luso-Brasileira homenagearam o senhor Professor Agostinho da Silva com um almoço na Vila Taip⁹.

FB: Durante o repasto, o presidente da direção doutor José Garcia, usando da palavra, saudou o ilustre homenageado e anunciou que muito gratamente levava ao conhecimento que, por deliberação da Sociedade dos Amigos da Comunidade Luso-Brasileira de Macau, unanimemente aprovada, fora o Professor Doutor Agostinho da Silva proclamado, nos termos do Art. IV dos seus estatutos, sócio honorário da referida Sociedade.

AS: O Professor Agostinho da Silva, visivelmente satisfeito e num brinde singelo, desejou à Sociedade dos Amigos da Comunidade Luso-Brasileira de Macau os melhores êxitos na sua missão e agradeceu a todos os presentes aquela homenagem.

⁹ Ainda lugar turístico fundamental a quem visita Macau, tal Vila é tradicionalmente reconhecida pela arquitetura portuguesa introduzida em tempos coloniais.

FAIXA 7

FB: Durante a sua estadia em Macau o Professor Agostinho da Silva foi recebido por sua excelência o Governador, a quem expôs os objetivos da sua viagem ao Oriente e em particular a esta província.

AS: [inaudível] melhor impressão da sua visita e de tudo quanto lhe fora dado observar em Macau, o Professor Doutor Agostinho da Silva embarcou de regresso ao Brasil na noite de 7 do corrente, tendo tido uma afetuosa despedida da parte das entidades oficiais e particulares.

[Toca Aquarela do Brasil]

AS: E assim terminou, caros ouvintes, mais um número do programa “Meia hora de Amizade Luso-Brasileira”. Senhoras e senhores, boa tarde.

FB: Boa tarde!